

COMO SABER DO SUJEITO EM ANÁLISE?¹

Augusto Luiz Souza de Santana²

RESUMO: Este artigo, estruturado a partir dos efeitos de um trabalho de cartel, investiga a concepção da categoria de sujeito na psicanálise lacaniana e as implicações de seu saber para a prática clínica. Tendo como ponto de partida a provocação de que os psicanalistas não sabem o que é o sujeito, o texto propõe desconstruir a ideia do sujeito como conceito estático ou substancial. Por meio de uma revisão e articulação teórica, explora-se a distinção entre o sujeito cartesiano da ciência e a subversão operada pela psicanálise. Apoiando-se na topologia dos nós e, sobretudo, na teoria dos quatro discursos de Lacan (do mestre, universitário, da histórica e da psicanálise), o artigo articula como o sujeito dividido (\$) e o saber operam no laço social. Conclui-se que o sujeito e o saber sobre ele são invenções imanentes à linguagem, e que a análise se institui como uma experiência discursiva cuja materialidade clínica encontra esteio na função da fala e na operação com os significantes.

Palavras-chave: Psicanálise lacaniana; Sujeito; Discursos; Cartel; Clínica Psicanalítica.

ABSTRACT: This article, structured from the effects of a cartel work, investigates the conception of the subject category in Lacanian psychoanalysis and the implications of its knowledge for clinical practice. Starting from the provocation that psychoanalysts do not know what the subject is, the text proposes to deconstruct the idea of the subject as a static or substantial concept. Through a theoretical review and articulation, it explores the distinction between the Cartesian subject of science and the subversion operated by psychoanalysis. Relying on knot topology and, above all, on Lacan's theory of the four discourses (master, university, hysteric, and psychoanalysis), the article articulates how the divided subject (\$) and knowledge operate in the social bond. It concludes that the subject and the knowledge about it are inventions immanent to language, and that the analysis is established as a discursive experience whose clinical materiality finds support in the function of speech and

¹ Artigo resultado de trabalho de cartel iniciado em julho de 2024 e concluído em julho de 2026, proposta de pesquisa e formação continuada na Lac-ato Comunidade de Psicanálise.

² Augusto Luiz Souza de Santana é psicanalista, escritor, músico e licenciando em Filosofia, baiano, co-autor do livro “A (de)formação do psicanalista: do início aos confins da psicanálise” (Editora Ascensão, 2025) com o texto “A formação do psicanalista: uma aposta”, e Membro Efetivo e Secretário Geral da Lac-ato Comunidade de Psicanálise.

the operation with signifiers.

Keywords: Lacanian psychoanalysis; Subject; Discourses; Cartel; Psychoanalytic Clinic.

1. Do produto do cartel e seus e-feitos: a questão

Se todo trabalho de cartel tem como ponto de partida uma questão de trabalho, o produto do trabalho é feito dos efeitos dessa questão. Não que eu tenha chegado até aqui com a mesma formulação de pergunta que fiz no início desse percurso. No primeiro momento, me deparar com “nós não sabemos o que é o sujeito!” quase instalou uma crise existencial-profissional. Como assim, nós não sabemos o que é o objeto do nosso trabalho? O que estou fazendo com a minha clínica então? Há operação analítica com os meus pacientes?

Claro que eu sei o que é o sujeito. O sujeito é o intervalo entre dois significantes. Se apresenta na manifestação do seu desejo, como sujeito de desejo, dentro de uma cadeia discursiva, ou seja, dentro de um discurso operado pela linguagem. Simples assim! Doce ilusão! O que é linguagem? O que é discurso? O que é desejo? O que é um significante? Como reconhecer um intervalo entre eles? Definitivamente, nós não sabemos o que é o sujeito!

Se nós não sabemos o que é o sujeito, como saber do sujeito em análise? Ou seja, como saber do objeto de trabalho do psicanalista (lacaniano) para operar (pela via simbólica) em sua cadeia significante e articular a produção de novas metáforas que desloquem o sintoma trazido em sua primeira demanda ao tratamento psicanalítico?

Nesse caminho, a minha questão de trabalho de cartel se organiza em torno de “Como saber do sujeito em análise?” e, como efeito, este ensaio se propõe a articular esta questão a partir da seguinte perspectiva: *como* indica um método, uma técnica, quais recursos que possibilitam um trabalho de ser realizado: “como opera um analista?”; *saber* indica o conhecimento necessário para operar as ferramentas, proceder com o método, uma posição que se ocupa diante de um objeto: “de qual saber usa, o analista, para operar sua técnica?”; *do sujeito* indica o objeto em questão: “em quê opera o analista, com sua técnica e seu saber?”; *em análise* indica um local específico, um contexto ou cenário que propicie que esse trabalho seja realizado: “onde pode operar, o analista, com sua técnica e seu saber, diante do sujeito?”.

Não exatamente na ordem em que os termos se dispõem na questão, apresento-lhes meu ensaio teórico.

2. Do sujeito em questão

O ponto de partida interpelado pela provocação “nós não sabemos o que é o sujeito” é, justamente, que sujeito é esse? De que sujeito se trata quando falamos de psicanálise

lacaniana? Há o sujeito já desde Freud? Alguém inventou o sujeito ou ele sempre existiu? O sujeito é um conceito?

Segundo Luciano Elia, “o sujeito não é um conceito nessas acepções clássicas de conceito.” (ELIA, 2010, p. 9) Então não podemos ou devemos falar de *conceito de sujeito lacaniano*?! Não precisamos ser tão extremistas dessa forma. Mas a provocação coloca um tempero de complexidade no assunto. Elia ainda explica que “o sujeito, assim, é uma categoria que se impõe à experiência, na exigência de elaboração teórica que esta faz ao psicanalista.” (ibid.) A questão basilar entre conceito ou categoria coloca, já no primeiro plano, o aspecto da cientificidade da psicanálise e o esforço destinado por Lacan para definir *o sujeito* como objeto (de trabalho) do psicanalista. Esforço este que é destacado na Lição 14 do “Seminário 5: As formações do inconsciente” (1957-58) quando diz que “[...] nosso discurso deve ser um discurso científico.” (LACAN, 1999, p. 261).

É importante observar que o elo comum a todo o ensino lacaniano está no sujeito *em questão*. Da “Tese de Medicina”³ (1934) ao “Seminário de Caracas”⁴ (1980) Lacan nos fala do sujeito *em questão*. No seu texto de 1965, “A ciência e a verdade”, Lacan nos diz que “[...] o sujeito sobre o qual operamos em psicanálise não pode ser outro que não o sujeito da ciência [...]” (LACAN, 1988, p. 873). Mas nos alerta para o caráter paradoxal e suscetível de desonestidade que esse axioma carrega. Dessarte, mais adiante ele retoma que “o sujeito em questão continua a ser o correlato da ciência, mas um correlato antinômico, já que a ciência mostra-se definida pela impossibilidade do esforço de sutura-lo” (LACAN, 1988, p. 875).

O sujeito da ciência, Lacan precisamente o situa na formulação cartesiana *cogito ergo sum* (Penso. Logo, sou!)⁵. Esse sujeito, dito o da ciência moderna, é “fundado” no cogito cartesiano não sem precedentes, e menos ainda sem pretensão. O sujeito cartesiano, o sujeito da ciência moderna, fundamenta, inclusive, as ciências que catalogamos em nossos dias, que se ramificaram da filosofia antiga grega, e que atravessaram o feudalismo e se sedimentaram no capitalismo tardio que vivenciamos hoje.

³ LACAN, Jacques. *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade*. Tradução de Marco Antônio Campos. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

⁴ LACAN, Jacques. O Seminário de Caracas. In: MILLER, Jacques-Alain (org.). *Nos confins dos seminários de Jacques Lacan*. Tradução de Terezinha N. Meirelles do Prado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2023.

⁵ A escolha do “sou” em detrimento do “existo” é uma problemática de tradução. “Cogito ergo sum” (latim) é dito por Descartes como “Je pense, donc je suis.” (francês), que teria como tradução literal para português “Eu penso, logo eu sou.” Se fosse traduzido por “eu existo”, deveríamos encontrar em francês o “j’existe”. O salto imposto na disseminação dessa versão em português do cogito é condicionar o *ser* ao *existir*: porque é, existe. Entre *ser* e *existir* há uma fenda, uma hiância, uma escansão.

O que essa ciência tenta fazer com esse sujeito é suturá-lo. O cientista que opera seu método científico o faz munido de uma imparcialidade inexorável a sua racionalidade. Se ele duvida, ele pensa; se ele pensa, ela sabe; se ele sabe, ele é. Logo, o *sujeito* que faz a ciência “sabe” que ele não faz a ciência, que ele está fora, que é neutro e imparcial. Ele - o sujeito cientista - segue apenas o método, analisa apenas os dados, faz ciência baseada em evidências. Se assim fosse, *muito* seria. É nesse ponto, inclusive, que podemos demarcar a distinção específica entre a psicologia e a psicanálise.

Quando Lacan articula que se trata mesmo do sujeito da ciência com o qual operamos em psicanálise é nesse furo próprio ao sujeito cartesiano que operamos, que a ferida narcísica que Freud escancarou ao mundo no final do século XIX vem ser colocada à prova. Essa ferida que não sutura, que não estanca, que não cura. Foi nesse caminho aberto por Freud que Lacan encaminhou “seu sujeito”. Claro, em sua antinomia ao sujeito cartesiano, como nos diz em “A instância da letra..”: “[...] penso onde não sou, logo sou onde não penso.” (LACAN, 1988, p. 521.) O sujeito cartesiano, dito sujeito consciente, é, em suma, sujeito do inconsciente.

Então, quem inventou o sujeito foi Descartes? Não. O sujeito já estava aí. Descartes só tentou suturá-lo para poder fazer ciência - a ciência metodológica, racionalista, cartesiana - e Freud apontou para a verdade desse sujeito - mas ainda assim não o formalizou, quem o fez foi Lacan. O sujeito já estava aí desde antes, desde sempre, ancorado, exilado na linguagem. Por isso Alfredo Eidelsztein vai construir em sua obra “A origem do sujeito em psicanálise” uma analogia entre a “teoria do sujeito” e a “teoria do Big Bang”.

Para Eidelsztein, “[...] ao fazer referência à origem da linguagem e do sujeito, é necessário aceitar um começo absoluto, sincrônico, sem data, que implica o “já aí desde sempre”” (EIDELSZTEIN, 2024, p. 24). Eidelsztein evidencia o paradigma do tempo e desloca a perspectiva substancial-desenvolvimentista, comum ao fenômeno *freudolacanianismo*⁶ de fazer psicanálise no Brasil, para estabelecer uma via plausível de compreender o sujeito lacaniano. O sujeito não é consciente de si, o sujeito é, definitivamente, inconsciente. E o é porque habita na linguagem não como o senhor de sua própria morada, mas sim como exilado. Ainda acrescentemos que dizer que “o sujeito é” não compreende uma determinação ontológica, o sujeito não é o sujeito, ele não é idêntico a ele mesmo. Essa é, inclusive, uma impossibilidade lógica da linguagem que é evidenciada por Lacan em toda sua articulação em torno da teoria do significante: um significante não pode representar ele mesmo (homem é

⁶ *Freudolacanianismo* é uma nomenclatura informal utilizada pejorativamente para indicar a aglutinação das teorias freudianas e lacanianas sem observar suas distintas fundamentações epistemológicas e operações clínicas.

homem), pois isso não diria nada; um significante representa um sujeito para outro significante (homem é...outra coisa).

Mas, retomemos: quem inventou o sujeito? Não foi Descartes, não foi Freud, não foi Lacan, nem mesmo os gregos antigos com seu verbo “ser” e o advento da filosofia. Então foi quem? Certamente que a linguagem inventou o sujeito. Ou melhor dizendo: a linguagem funda o sujeito toda vez que “ele” fala (ou melhor, que *isso* fala dele). Mas aqui estamos diante de um paradoxo tal qual “quem veio primeiro, o ovo ou a galinha?” A linguagem vem primeiro? Aqui localizamos o paradigma do tempo trazido por Eidelsztein.

Estamos imensuravelmente habituados a pensar os eventos numa linha do tempo cronológica, em vez de síncrona. A cronologia estabelece um primeiro e um segundo, nessa ordem sucessiva e indispensável do *um* para só depois o *dois*. Tomada por uma perspectiva síncrona, *um* e *dois* acontecem sincronicamente (não confundir com simultaneamente). Nesse caso, linguagem e sujeito são síncronos. Bom, não só um e dois, mas um e dois e três e quatro e etc... Eidelsztein sustenta:

“A aparição do significante, de toda a bateria [significante] e do Outro irão funcionar como um Big Bang. Isso implica que, para o sujeito, o biológico animal fique “esquecido” [...]”. [citando Lacan, continua:] ““[...] o que lá havia [o ser] desaparece, por não ser mais que um significante” (LACAN, 1964, p. 854).” (EIDELSZTEIN, 2024, p. 33)

A partir da existência da linguagem e do Outro, o corpo anatômico também se transforma em significante (ibid.) Nesse ponto, localizamos o sujeito lacaniano como o sujeito marcado pelo significante, atravessado pelo significante, convocado a vir-a-ser. O sujeito “*é*” *falasser*⁷.

3. Do saber em questão

O que nos leva novamente à superfície para tomar um ar e discutir em quê se implica a prática psicanalítica diante desse sujeito, já que ele não pode ser suturado. Então, analisemos: como o sujeito chega à análise? Que sujeito chega à análise? Eidelsztein diz que “seu conceito de sujeito - “o sujeito lacaniano” (EIDELSZTEIN, 2003) - não coincide nem com indivíduo (biológico), nem com pessoa (social e histórica), nem com cidadão (legal e político), nem com sócio (coletivo)” (EIDELSZTEIN, 2024, p. 15). E continua, dizendo que “o analisante tampouco coincide com o sujeito, mas é apresentado como *parlêtre* [...], *falasser* e não como *ser falante* [...]” (ibid.) Aurélio Souza fala, com outras palavras, coisa muito semelhante, e ainda acrescenta:

⁷ Tradução preferível do termo lacaniano *parlêtre* (francês), em detrimento de outras versões aportuguesadas que encontramos, como *ser-falante*, *ser-que-fala*, entre outras, que condicionam o sujeito [*je*] (do inconsciente) ao sujeito [*moi*] (do cogito cartesiano) que diz “eu sou”.

“Nem mesmo corresponde ao sujeito gramatical, a um interlocutor, ou a essa instância que é Eu [moi], com o qual deverá manter uma alteridade radical. O que o sujeito deseja o Eu não quer e, em contrapartida, o que o Eu quer, o sujeito não deseja. (SOUZA, 2009, p 149)

Se o sujeito não é o indivíduo, a pessoa, o cidadão, nem mesmo é o analisante e ainda não se trata de um conceito da psicanálise, então quem ou o quê é o sujeito? Como saber desse sujeito? Tal qual estamos imensuravelmente habituados a pensar os eventos numa linha do tempo sempre de maneira cronológica, também estamos impregnados de pensar no sujeito como uma substância apreensível e palpável. O saber em questão na prática psicanalítica é da ordem de um não-sabido. Note que não se trata de um saber que ainda não se sabe, como tendemos a confundir quando pensamos no processo de análise como uma elevação de autoconhecimento ou ainda no tornar consciente o que era inconsciente. Não-sabido diz-se de uma operação lógica: o saber sobre o sujeito é da ordem de um não-sabido porquê o sujeito é suposto saber.

Lacan articula o conceito do sujeito suposto saber (SsS) mais precisamente na “Proposição de 9 de Outubro...” em torno da posição que o analista deve ocupar na relação analítica, ou seja, diante da transferência. Em sua lição de 9 de abril de 1974, do “Seminário 21: Os não-tolos erram/Os Nomes-do-Pai” (1973-74), produz uma espécie de anagrama com *saber suposto sujeito*. Nesses dois momentos Lacan articula o saber e o sujeito como supostos. Mas, mais do que isso, na “(outra) Proposição de 9 de outubro...”⁸ ele já desenvolveu essa correlação (co-suposição):

“Mas, quem sabe, ao postular o sujeito como aquilo que um significante representa para outro significante, possamos tornar mais manejável a idéia do sujeito suposto: o sujeito é de fato suposto aí, muito precisamente sob a própria barra traçada embaixo do algoritmo da implicação significante. Ou seja,

$$\frac{S \longrightarrow S'}{S \dots\dots\dots}$$

O sujeito é o significado da pura relação significante.

E o saber, onde pendurá-lo? O saber é não menos suposto - acabamos de ter idéia disso - do que o sujeito. A necessidade da pauta da escrita musical para dar conta do discurso impõe-se aqui, mais uma vez, para fazer com que se apreenda vivamente o

$$\frac{\text{suposto}}{\text{sujeito} \dots\dots\dots \text{saber}}$$

Dois sujeitos não são impostos pela suposição de um sujeito, mas apenas um significante que representa, para algum outro, a suposição de um saber atinente a um significado, isto é, um saber tomado em sua significação.” (LACAN, 2003. p. 574-575)

⁸ Na coletânea Outros Escritos existem duas versões da “Proposição de 9 de Outubro...”: uma “oficial” constatada nas páginas 248 a 264 e outra “extraoficial”, nos Anexos, como sendo a primeira versão da Proposição tal qual foi lida no dia, constatada nas páginas 570 a 586.

Eu vou me permitir realizar um salto interpretativo, neste ponto, para desenvolver essa acepção lacaniana, aproximando aquilo que é suposto de algo que é um produto, uma produção - que é onde pretendo nos levar em torno do que é o saber sobre/do sujeito.

O termo suposto, em nossa língua portuguesa-brasileira, possui mais de um significado. Primeiro, *suposto* é uma *hipótese*; vamos considerar que hipótese é uma aposta: então, aposta-se no saber e no sujeito (recordo-lhes que estamos trabalhando com o sujeito não como um conceito, mas como uma categoria que se impõe na experiência). Segundo, *suposto* é *falso* - que não tem verdade ou foi fingindo, e aqui não podemos dizer de falso como equivalente à mentira, mas tomemos falso como “que não tem verdade”, por aquilo que nos diz Lacan sobre a verdade: ela é meio-dita (LACAN, 2003, p. 454.). Terceiro, *suposto* é *imaginado*. Mas é preciso ter muito cuidado quando falamos de *imaginado*, imaginação, imaginário, imagem, etc...existe uma problemática nesses termos quando tentamos nos aproximar de tratar daquilo que é, para Lacan, o registro do Imaginário. Vou convidá-los a tomar o terceiro significado de *suposto*, ou seja, *imaginado*, como aquilo que é, justamente, da ordem do registro do Imaginário propriamente dito, ou seja, não estando vinculado à imaginação, mas, sim, àquilo que dá consistência.

O que dá consistência, o que é do registro do *Imaginário*, não o é senão em uma relação de três. Em relação com o *Simbólico*, que nos apresenta como o outro sentido, e em relação com o *Real*, um real recém surgido. Está aqui o salto interpretativo que indiquei que faria: o sujeito é suposto como Real, Simbólico e Imaginário (hipótese, verdade/meio-dita e imaginado). Essa tríade que atravessa todo o ensino de Lacan e ganha a topologia de nó borromeano na década de 70⁹ é o produto(r)¹⁰ do sujeito. O saber, o *saber suposto sujeito* e o *sujeito suposto saber*, é borromeano.

Talvez a coisa não tenha ficado tão simples aqui pois, como indiquei, seria um salto. Transformar esse salto em passos curtos, também agora, seria demasiado extensivo. Mas preciso fazer um pequeno parêntese para que, onde pretendo levar essa articulação, não fique alto demais para colocarmos os chapéus. Precisamos considerar que o *Imaginário* é o registro que dá consistência, que permite produzir uma imagem especular que aparenta uma forma unificada, a saber, o Eu [*moi*], em torno de todos os ideais (do sujeito). O sujeito é suposto enquanto *imaginado* nas formas aparentes que lhe dão consistência, como quando fala de si a

⁹ Lacan apresenta a estrutura borromeana dos nós na lição de 9 de fevereiro de 1972, a Lição VI do Seminário 19: ...ou pior (1971-72), na página 88 da versão publicada no Brasil pela Editora Zahar em 2012.

¹⁰ *Produto* e *produtor* são, consecutivamente, o que é feito e quem o faz. As dimensões Real, Simbólico e Imaginários são próprias da linguagem. Articulo essa passagem à anterior, referente ao tempo lógico, síncrono, do sujeito e da linguagem.

partir de um cogito: “Eu nasci assim, eu cresci assim, vou ser sempre assim”¹¹. O *Simbólico* é o registro que permite um outro sentido, um outro dizer desse dito imaginado; o sujeito é suposto *falso/fingido* no *Simbólico* (com todas as ressalvas possíveis para que *falso/fingido* não sejam interpretados equivocadamente), dando notícias de que esse Eu [*moi*] é aparente, fingido, ele não é “bem a verdade”. O cogito ganha uma interrogação: “assim como?” Neste lugar o sujeito é convocado a dizer “de si” e a nos dar notícias de sua função de sujeito em meio a sua articulação significativa. Falarei mais sobre isso na parte a seguir, sobre o “como” (método).

O *Real* como registro da impossibilidade da escrita, do que não cessa de não se escrever (observe que não se trata de um impossível de dizer, inefável), daquilo que não cessa de não se escrever nem no imaginário e nem no simbólico, é um *Real*, um *Real* recém surgido. Lacan usa essa expressão na lição 11 do Seminário 21, quando diz:

“[...] um grupo é Real. [...] é um Real que não posso inventar pelo fato de que é um Real recém surgido. Porque enquanto não havia discurso analítico não havia o psicanalista.” (LACAN, 2018, p. 190.)

Meu salto interpretativo conclui-se na analogia dessa frase com a compreensão do sujeito suposto *hipótese*, aquilo que se apresenta como *Real* na ordem da experiência psicanalítica e que não existia enquanto não havia um discurso (um dizer, um falar, um laço social), por isso se apresenta como “um Real recém surgido”. Dito de outra maneira, parodiando Lacan: enquanto não havia um discurso - qualquer que seja - não havia o sujeito.

Utilizo dessa analogia para demarcar: há a impossibilidade dessa escrita do sujeito como algo que o representa a si mesmo, senão por aquilo que ele, o sujeito, enquanto função, enquanto *falasser* faz em sua manipulação dos significantes. É no que essa manipulação dos significantes se apresenta como efeito de significação que se inventa o *saber* sobre o *sujeito*. Se inventa por quê? Porquê “o saber se inventa” (LACAN, 2018, p. 185.), seja na história da ciência, seja na experiência psicanalítica. E se se inventa, tomemos-lo como um produto.

4. Do método em questão

Para tomar o *saber* como um produto *suposto* do *suposto sujeito* na experiência psicanalítica, perguntemos: “como?”

Indiquei anteriormente que todo o ensino de Lacan foi atravessado pela temática do sujeito. Em sua persistência de nos transmitir sobre o quê deveríamos trabalhar, sobre o objeto do nosso campo, do campo da psicanálise, a questão da técnica andou de mãos dadas durante

¹¹ Trecho da canção “Modinha para Gabriela”, de Dorival Caymmi, interpretada por Gal Costa, lançada em 1975. A canção foi feita inspirada na personagem Gabriela da obra “Gabriela, cravo e canela” de Jorge Amado.

todo o ensino. Tal qual ele demarca no “Seminário 1: Os escritos técnicos de Freud” (1953-54), os ditos “escritos técnicos” não se resumem apenas aos textos que levam esse nome na organização das obras completas, mas, sim, praticamente todos os textos freudianos deveriam ser tomados como escritos técnicos. Todo o ensino de Lacan, também, poderia ser tomado da mesma forma. Não obstante, em Lacan, a psicanálise adquire o estatuto de práxis.

Mas uma preocupação e uma grande ocupação de Lacan, no seu ensino, foi nos dar a via, preparar o trilhamento para uma práxis que não fosse intuitiva. Para tanto, nos legou os seus grafos, matemas e esquemas. Em praticamente todos eles poderíamos articular um “*como*”, enquanto método, para *saber* do *sujeito*. Podendo operar a partir de todos, pode-se operar a partir de qualquer um deles e, nessa perspectiva, como estou trabalhando, neste artigo, com a concepção do sujeito como uma categoria que se apresenta na experiência psicanalítica e com a concepção de saber como um produto, eu escolho trabalhar a técnica a partir dos *Discursos*, para sustentar o saber sobre o sujeito como um produto da psicanálise.

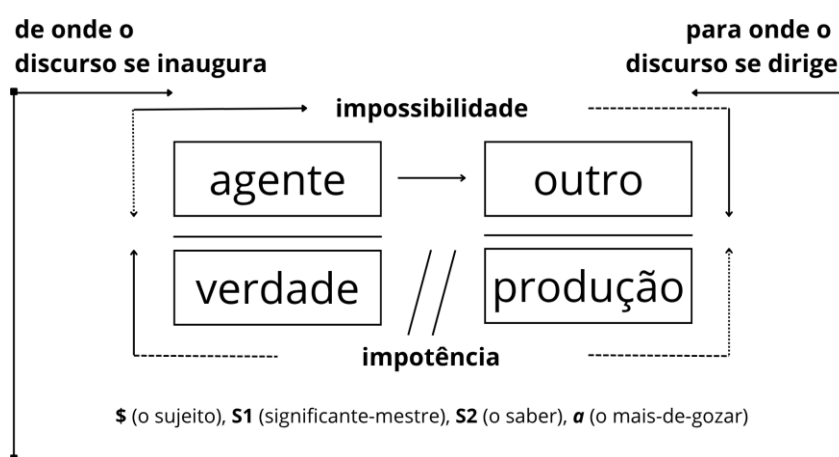
É importante considerar que os quatro discursos foram formalizados por Lacan em seu “Seminário 17: O avesso da psicanálise” (1969-70), que ocorreu na virada da década de 60’ para a década de 70’, logo após os eventos do Maio de 1968¹². Lacan não era o único a articular teorias do discurso. Michel Foucault, contemporaneamente, também o fazia, e mesmo Theodor Adorno, Émile Benveniste e Roland Barthes já haviam publicado obras nessa perspectiva. Mas tem uma distinção particular na proposta de Lacan. A sua teoria dos discursos, praticamente, foi sendo construída durante todo o seu ensino. Afinal, como veremos a seguir, os elementos que compõem os discursos já estavam contidos na articulação teórica lacaniana, a saber: o sujeito, o significante e o objeto a. Essa leitura permite acompanhar a construção temporal que o Lacan faz quando situa o discurso do mestre no surgimento da filosofia e da ciência moderna, o discurso da histérica na formação do sintoma histérico que, por consequência, possibilitou “a invenção” do discurso da psicanálise. Não um depois do outro, mas um porquê o outro. Vamos aos discursos.

Os discursos de Lacan são dispositivos topológicos que apresentam a disposição de quatro termos em quatro lugares. Do *lado esquerdo* temos de onde todo discurso se inaugura. Do *lado direito* temos para onde todo discurso se dirige. De onde o discurso se inaugura,

¹² Trata-se da eclosão social e cultural iniciada por protestos estudantis em Paris em maio de 1968, que culminaram na paralisação do país por meio de uma massiva greve operária. Para além do impacto político imediato, o episódio tornou-se o emblema de uma crítica radical às figuras de autoridade (o “Mestre”), reformulando os debates sobre o desejo, o discurso, as instituições e a política no campo da filosofia e da psicanálise contemporâneas.

temos na “casa superior” o *lugar do agente* do discurso e na “casa inferior” o *lugar da verdade* (sempre velada). Para onde o discurso se dirige temos na “casa superior” o *lugar do outro* e na “casa inferior” o *lugar da produção/perda*. Os quatro termos são letras da álgebra lacaniana: \$ (o sujeito barrado), S1 (o significante-mestre), S2 (o saber) e objeto *a* (o mais-de-gozar). Os discursos demarcam onde se presentifica dois impedimentos no laço social: na parte superior do discurso está uma *impossibilidade*, já que não se pode dizer tudo, sempre falta algo a ser dito - o agente do discurso (emissor) não consegue dizer tudo ao outro (receptor); e na parte inferior existe uma *impotência* entre o *lugar da produção* e o *lugar da verdade*, eles não se frequentam - no *lugar da verdade* está o que sustenta o agente do discurso que, por não poder dizer tudo, essa verdade está sempre velada, ela não chega ao *lugar do outro* (receptor) e o que está no *lugar da produção/perda* é o que “resta” desse laço social inexoravelmente capenga, manco por estrutura própria da linguagem, por isso a *verdade* e a *produção* não se confluem.

Veja a estrutura geral do *Discurso* no matema proposto na figura abaixo:



(Figura 1)

Os quatro primeiros¹³ modos de laço social estabelecidos por Lacan são definidos pelo *agente* do discurso. O sujeito, o sujeito lacaniano, o sujeito dividido, o sujeito barrado, representado por \$, ocupa um lugar em cada laço social. Este sujeito, lembremos, é aquilo que um significante (S1) representa para outro significante (S2). O significante-mestre, simbolizado por *S1* nos matemas dos discursos, é o *significante Um*, aquele que dá a “partida” na cadeia, que sozinho não representa nada, mas que precisa de um outro significante, simbolizado por *S2* nos matemas dos discursos, para representar um sujeito (não algo ou alguém); S1 sozinho não representa nada, mas em relação ao *S2* gera um efeito de

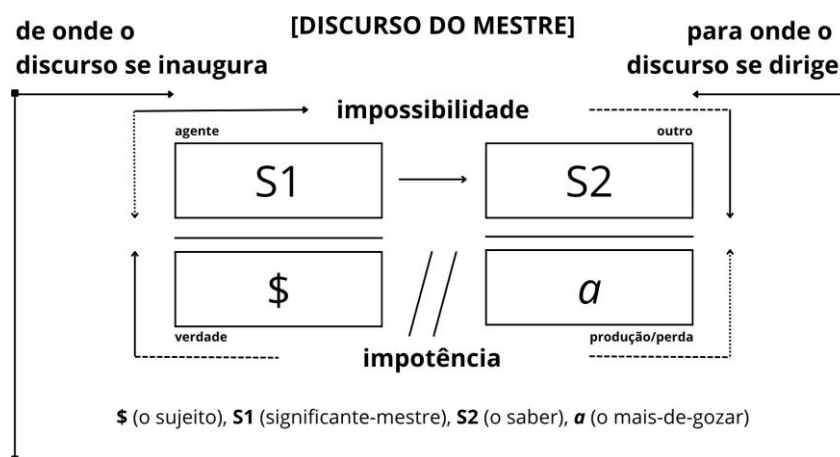
¹³ Digo “os quatro primeiros” porque depois ele desenvolveu um quinto modo de laço ou discurso, o do capitalista. Mas este não abordarei neste artigo.

significação, ou seja, um saber, um saber inventado pelo *sujeito suposto* nesse intervalo de **S1** e **S2**. O objeto *a* também ocupa um lugar em cada discurso, pois ele mantém uma relação intrínseca com o *sujeito* que se constitui em sua relação com os significantes, ele representa a perda, o resto, o que escapa à significação. Esse objeto que é *a letra* é a instância mesma da letra que marca a entrada do *sujeito* na linguagem, que é o correspondente mesmo do *Real*, é a Lei que lega ao *sujeito* que ele não poderá ceder de seu desejo, que será sujeito de desejo.

Desse modo, tomemos as posições de *agente* para os quatro discursos: quando esta é ocupada por **S1**, o significante-mestre, temos o **discurso do mestre**; quando é ocupada por **\$**, o sujeito dividido, temos o **discurso da histérica**; quando ocupada pelo **S2**, o saber, temos o **discurso universitário**; por fim, quando a posição de *agente* é ocupada pelo objeto *a*, mais-de-gozar, temos o **discurso da psicanálise**. Vamos observar que as permutações acontecerão sempre em giros de quarto de volta, progressivamente (sentido horário) ou retroativamente (sentido anti horário).

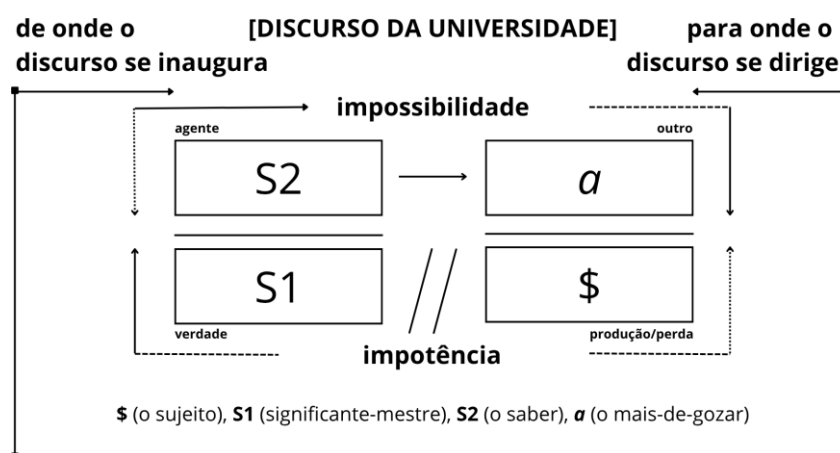
Agora para entender como opera a psicanálise em torno dos laços sociais pela via do discurso, inaugurando este quarto modo de discurso, vamos analisar como pode acontecer uma experiência psicanalítica.

Quando alguém procura por um terapeuta para iniciar uma psicoterapia pode ser por vários motivos. Pode ser por estar cansado da vida, por insônias frequentes, por conflitos insolúveis, por um luto insuperável, por manias e/ou outros comportamentos que lhe soam estranhos ou afetam sua relação com as pessoas ao seu redor, pode ser porque alguém o obrigou como condição para manter uma relação ou mesmo pode ser porque quer “fazer a dita *análise didática* para se tornar psicanalista”. Observe que esse alguém não é o sujeito, é alguém. Essa demanda inaugural é um significante qualquer, vazio de sentido, que (ainda) não significa nada e nem representa nada, mas dá a partida no encadeamento significante. Esse será tomado como o significante-mestre (S1) ocupando o lugar de *agente* do discurso. Ele se dirige a um outro, o *lugar do outro*, buscando um outro significante que poderia/deveria operar como resposta, dando ao S1 sua significação, ou seja, inventando um *saber* (S2). Logo, esse saber que o *agente* do discurso atribui ao outro ao qual ele se dirige é suposto, tal qual o *sujeito*, o **\$**, que é também suposto e está velado no *lugar da verdade*. Temos o **discurso do mestre**. Observe que a *produção/perda* nesse modo de laço social é o *objeto a* e, justamente por ocupar esta posição neste discurso, a sua relação com o *sujeito* velado no *lugar da verdade* está impedida.



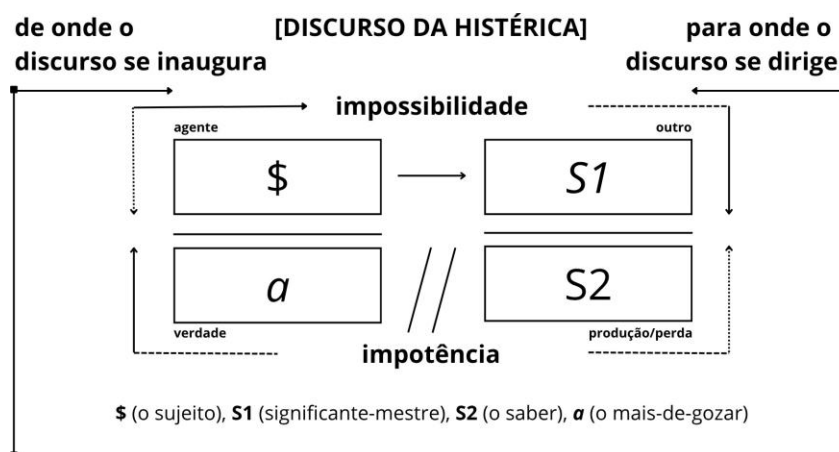
(Figura 2)

Eu mencionei a procura por um terapeuta para nos levar a compreender que esse discurso que aparece na demanda inaugural poderá receber um giro de volta progressivo (sentido horário) ou regressivo (sentido anti horário). Quando o giro é regressivo, quem vem a ocupar o lugar de *agente* do discurso é o saber (S2) e ele opera com o significante-mestre (S1) velado no *lugar da verdade* e em direção ao *lugar do outro*, agora ocupado pelo mais-de-gozar, legando como *produção/perda* o *sujeito* dividido (\$). Temos o **discurso universitário**, o laço social do saber acadêmico que tenta se dirigir ao que o outro deseja (demanda, querer) tentando entregar-lhes respostas (saberes/conhecimentos), velando o significante que origina a cadeia (S1) e produzindo uma perda: o sujeito dividido (\$). Perde-se ao se produzir o sujeito em questão nesse laço social. O discurso universitário é o discurso no qual a psicologia tenta se sustentar e, por consequência, as psicoterapias sustentam sua prática e seu arcabouço teórico.



(Figura 3)

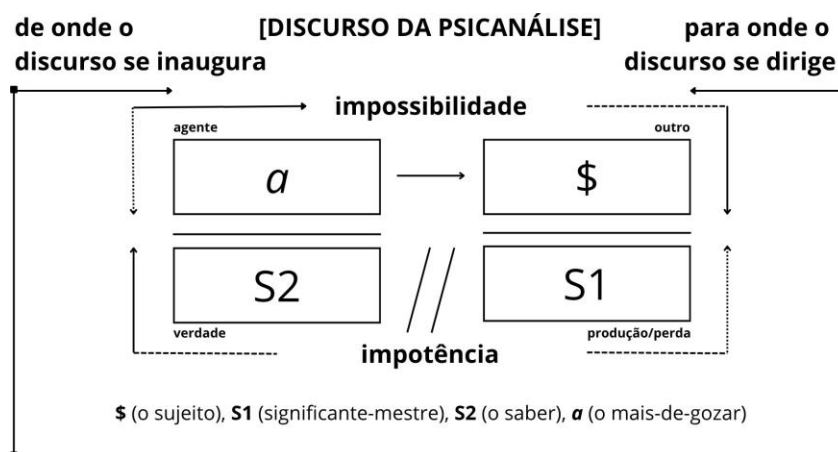
Quando o giro de quarto de volta ocorrido no discurso do mestre, dessa demanda inaugural que chega ao consultório, é progressivo, ou seja, no sentido horário, acontece o que denominamos de *histericização discursiva*. Quem ocupa o lugar de *agente* do discurso é o *sujeito* dividido (\$). Esse *sujeito* que antes estava velado como *lugar da verdade*, agora ocupa o lugar de *agente* e se dirige ao significante-mestre (S1), que está no *lugar do outro*, desbancando-o (o mestre, o saber do mestre, obrigando-o a cair), fazendo-lhe uma pergunta que acarreta com que seja produzido um outro *saber* (S2), o *saber inconsciente*. O *saber* (S2), que cai para a parte inferior do quadrante, para a parte da impotência, é impedido de manter uma relação com o mais-de-gozar, ou seja, o saber do mestre não corresponde, não satisfaz, não produz, não se relaciona com o mais-de-gozar. Temos o **discurso da histérica**. Acrescento que coloco aqui “histérica”, no feminino, apenas mantendo uma correlação à construção feita por Lacan no “Seminário 17” (1969-70), das pacientes históricas de Freud terem colocado em sua mesa (em seu divã) a possibilidade da experiência psicanalítica.



(Figura 4)

O que a histérica fez? Colocou o *sujeito* como *agente* do discurso. A divisão do sujeito foi evidenciada na superfície do discurso, do laço social, e destituiu o *saber* e o mestre de seu lugar anterior. O *sujeito* que estava velado, suposto, adquire o estatuto de *agente*. O *saber* que também era suposto ao *outro*, decaí. Esse primeiro giro progressivo aproximou os modos de laço social de um segundo giro progressivo. Nesse quarto modo de discurso, quem ocupa o lugar de *agente* do discurso agora passa a ser o *objeto a*, mais-de-gozar, se dirigindo justamente ao *sujeito* dividido (\$), que agora está no *lugar do outro*. O que se coloca no lugar de *produção/perda* é o significante-mestre (S1), que dada a sua impotência lógica de se relacionar com S2 nesse modo de laço social, convoca o *saber* ao *lugar da verdade*. O *saber* que está, nesse discurso, velado, é o *saber do inconsciente*, também suposto, e que sustenta o

a no lugar de *agente* para convocar o *sujeito* a se haver com a sua divisão. Como S1 não consegue se vincular ao S2 (anteriormente do mestre e desbancado pela histórica), é preciso que o *sujeito* busque outros S2 para produzir efeito de significação e dar a este *sujeito* (\$), que foi evidenciado como *agente* do discurso na *histericização* anterior, seu estatuto de sujeito, sua função de sujeito, representado por um intervalo significativo que tem ponto de partida num significante-mestre (S1) produzido pela convocação que seu objeto *a* o intimou enquanto agente do discurso. Temos o **discurso da psicanálise**.



(Figura 5)

5. Da análise em questão:

A experiência psicanalítica coloca o psicanalista na função de *agente* do discurso como semblante de *objeto a*. Semblante, porque tudo o que ocupa o lugar do agente do discurso só o faz como semblante¹⁴. Tudo o que se faz representar como objeto *a* também só o faz como semblante; essa é a condição *cine qua nom* do objeto *a*. O que se produz a partir desse laço como significante-mestre é um significante elegido pelo psicanalista. Observe que eu coloquei elegido, que remete à eleito, não coloquei inventado. Esse significante não é inventado. Em alguma medida ele já está aí desde sempre e vai aparecer como *produção* do *sujeito* que quando ocupando o lugar do outro é convocado a se haver com seu objeto causa de desejo, seu mais-de-gozar (aqui, nesse caso, o analista, dentro de uma relação regida pela transferência, fazendo-se semblante para convocar o analisante a falar mais “sobre isso”) para buscar S2 (o saber inconsciente), outros significantes que se conectam a esse numa cadeia

¹⁴ Lacan faz uma longa articulação sobre o semblante e os discursos nos seus “Seminário 18: De um discurso que não fosse semblante” (1970-71) e “Seminário 19: ...ou pior” (1971-72). Ele precisa a posição do *agente* como semblante, do *outro* como gozo, da *produção/perda* como mais-de-gozar e o lugar da verdade permanecendo como tal na “Lição 5: Topologia da fala”, no Seminário 19, na página 65, publicado, no Brasil, em 2012, pela Ed Zahar.

metonímica ou o substitua metaforicamente, para produzir um efeito de significação, ou seja, um *suposto saber* sobre o *sujeito*, um saber inventado.

Eis o que poderíamos designar como “A análise”. Veja que para designá-la eu não precisei articular determinações, sugestões ou orientações espaciais, físicas, como poderia fazê-lo se reforçasse o estereótipo dos consultórios tradicionais ou modernos, com ambientes neutros, tons pastéis e elementos inanimados, duas poltronas, um divã, um tapete, uma mesa de centro com uma caixinha de lenços sobreposta, um quadro de Freud e outro de Lacan, uma estante com as obras completas e incompletas, manuais e enciclopédias e, por fim, um psicanalista frio e calculista, sem expressões e silencioso. Nada disso precisou ser mencionado para lhes indicar a *análise em questão* como o “espaço” onde a experiência psicanalítica pode acontecer.

Se o *sujeito* e o *saber* sobre ele são supostos na linguagem, na articulação significante, e se constituem numa posição discursiva, ou seja, no laço social, e que é, justamente, numa modalidade de laço social que pode haver o psicanalista, a análise não é outra coisa senão uma experiência de discurso, de laço social. Dito de outra forma, a análise é um lugar da experiência da linguagem.

Dentre as célebres articulações feitas por Lacan no seu “Discurso de Roma” (1953), quando diz que “A análise consiste precisamente em distinguir a pessoa deitada no divã analítico daquela que fala” (LACAN, 2003, p. 151), nos conduz ao reencontro daquilo que articulamos sobre o *sujeito em questão* não ser a pessoa, indivíduo e nem mesmo o analisante e ainda situar o motor dessa experiência na fala. Essa condição da análise é tão categórica, que em “Função e campo...” nos diz: “Quer se pretenda agente de cura, de formação ou de sondagem, a psicanálise dispõe de apenas um meio: a fala do paciente” (LACAN, 1998, p. 248).

6. Conclusão

Utilizei os matemas do discurso para trilhar um caminho metodológico para o encontro com o saber sobre o sujeito, demarcando a análise como um lugar de instauração dessa experiência, experiência da função da fala no campo da linguagem, sintetizada aqui como discursos, discurso como modo de laço social, porque é nesse ínterim que estão inseridos como função o sujeito e o psicanalista, seja o segundo tradicional ou revolucionário, calado ou “falador”, afinal “[...] não há fala sem resposta, mesmo que depare apenas com o silêncio, desde que ela tenha um ouvinte, e que é esse o cerne de sua função na análise” (LACAN, 1998, p. 249). Todo discurso se estabelece com dois pólos (lados): o lado do *agente*, do emissor do discurso, e o lado do *outro*, o receptor do discurso.

O que o psicanalista terá como “ferramenta”, como materialidade da fala, será o significante. Talvez, nesse artigo, eu não tenha exposto articulações suficientes para evitar equívocos sobre a teoria do significante que nos propõe Lacan. Rogo-lhes para que o axioma seja satisfatório, pelo menos por enquanto. Tomemos que o significante sendo aquilo que representa o sujeito para outro significante é o que deixa a marca desse sujeito como suposto nesse campo da linguagem. Quando o sujeito se constitui em sua relação com o Outro¹⁵, ou seja, em sua relação com a linguagem, a bateria significante já estava aí, já estava posta, o Outro já aí estava; o sujeito se constitui nesse atravessamento do significante fazendo cair o seu ser, que deixa-lhe uma marca, um corte, um furo, uma hiância, uma escansão, um resto com o qual ele tenta se haver, se fazer e refazer em cada nova articulação significante, tentando produzir um sentido, uma significação. Quando essa ex-sitência tumultua, encontra uma turbulência ou engasga no dizer, uma operação analítica pode proporcionar uma outra relação com a vida “[...] ao tocar, por pouco que seja, na relação do homem com o significante, no caso, na conversão dos procedimentos da exegese, altera-se o curso de sua história, modificando as amarras de seu ser.” (LACAN, 1998, p. 531).

Dessa forma, trata-se de um fato de linguagem. O sujeito “é” linguagem. O saber sobre o sujeito “é”, também, de linguagem que se trata. A análise é uma experiência da linguagem. O método que o psicanalista tem a sua disposição para o trabalho analítico é a linguagem, em sua materialidade do significante. Demarcar que “é linguagem” não é nada mais, nem nada menos, do que dizer que “não se trata da substância”. Que isso tenha ficado claro! Mesmo que agora você possa me perguntar “o que é linguagem?” Como costumo dizer sobre o Cartel: o que se espera de um trabalho de cartel é que ele abra novas questões de trabalho.

REFERÊNCIAS:

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

AMADO, Jorge. **Gabriela, cravo e canela: crônica de uma cidade do interior**. Rio de Janeiro: Record, 1958.

BARTHES, Roland. **Elementos de semiologia**. Tradução de Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1971.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Tradução de Maria da Glória Novak e Luiza Neri. Campinas: Pontes, 1988.

¹⁵ O Outro é um conceito que optei por não trabalhá-lo neste artigo diretamente, para não torná-lo ainda mais extenso.

CAYMMI, Dorival. Modinha para Gabriela. Intérprete: Gal Costa. In: **GABRIELA: trilha sonora original da telenovela**. Rio de Janeiro: Som Livre, 1975. 1 disco de vinil, lado A, faixa 1.

DESCARTES, René. **Discurso do método**. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Coleção Os Pensadores).

EIDELSZTEIN, Alfredo. **A origem do sujeito em psicanálise**. 1ª ed. São Paulo: Toro Editora, 2024.

ELIA, Luciano. **O conceito de sujeito na psicanálise**. Psicanálise passo a passo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

FREUD, Sigmund. Artigos sobre a técnica. In: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 10**. Tradução de Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 2010.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953). In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 238-324.

LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957). In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 496-533.

LACAN, Jacques. Posição do inconsciente (1964). In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 843-864.

LACAN, Jacques. A ciência e a verdade (1965). In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 869-892.

LACAN, Jacques. **Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade**. Tradução de Marco Antônio Campos. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

LACAN, Jacques. O discurso de Roma (1953). In: LACAN, Jacques. **Outros Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 133-172.

LACAN, Jacques. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: LACAN, Jacques. **Outros Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 248-264. (Primeira versão nos Anexos, p. 570-586).

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud (1953-1954)**. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Versão brasileira de Betty Milan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente (1957-1958)**. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise (1969-1970)**. Texto

estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Ari Roitman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante** (1970-1971). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 19: ...ou pior** (1971-1972). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2012.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 21: os não-tolos erram/os Nomes-do-Pai** (1973-1974). Tradução de Frederico Denez e Gustavo Capobianco Volaco. Porto Alegre-RS: Editora Fi, 2018.

LACAN, Jacques. O Seminário de Caracas (1980). In: MILLER, Jacques-Alain (org.). **Nos confins dos seminários de Jacques Lacan**. Tradução de Terezinha N. Meirelles do Prado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2023.

SOUZA, Aurélio. Que sujeito é esse da psicanálise? (2009). In: **De Lacan a Freud: o sujeito e a formação do analista. TOPOS: revista de psicanálise. Ano XII nº 12**. Salvador: Espaço Moebius: EDUFBA, 2009.